

AS RESISTÊNCIAS DOS CAMPONESES E GARIMPEIROS NOS TERRITÓRIOS DA VIDA E DO TRABALHO EM COROMANDEL/MG

*THE RESISTANCE OF PEASANTS AND MINERS IN THE TERRITORIES OF LIFE AND
LABOUR IN COROMANDEL / MG*

Ricardo Junior de Assis Fernandes Gonçalves
Doutorando no Programa de Pós-Graduação em Geografia no Instituto de Estudos Sócio-Ambientais
da Universidade Federal de Goiás – IESA/UFG.
ricardoassisgeo@hotmail.com

Marcelo Rodrigues Mendonça
Professor doutor nos cursos de Graduação e Pós-Graduação no Instituto de Estudos Sócio-Ambientais
da Universidade Federal de Goiás – IESA/UFG.
ufgmendonca@gmail.com

RESUMO:

A vida e o trabalho na terra e no garimpo constitui especificidades aos territórios em Coromandel – Minas Gerais, onde vivem camponeses e garimpeiros que praticam a tradicional atividade de extração de diamantes. O objetivo da pesquisa é compreender as formas de organização de resistências dos garimpeiros e camponeses em Coromandel diante da territorialização de empresas nacionais e transnacionais da mineração nos espaços tradicionais de garimpagem e também de reprodução da cultura camponesa. Os procedimentos metodológicos baseiam-se na pesquisa qualitativa, mediante técnicas como pesquisa de campo, observação participante, diário de campo e entrevistas. Desde o início do século XIX, a economia, a política, a sociedade e a cultura em Coromandel são influenciadas diretamente pelo garimpo e o trabalho dos garimpeiros e camponeses que vivem na terra. Nas últimas décadas, o garimpo de diamantes e as comunidades onde os garimpeiros e camponeses vivem e trabalham, passaram por mudanças e novas dinâmicas (re)configuram os espaços, as formas de organização e de resistência, com desdobramentos na produção dos territórios no município. Esses aspectos consistem no que pretendemos demonstrar nesta pesquisa.

Palavras-Chave: Garimpo; Campesinato; Identidade; Território.

Abstract:

The life and work on land and mining is specific to the territories in Coromandel - Minas Gerais, where peasants and miners who practice traditional diamond mining activity live. The objective of the research is to understand the organizational forms of resistance of the miners and peasants in Coromandel on the territorialization of national and transnational mining companies in traditional areas of mining and also playing the peasant culture. The methodological procedures are based on qualitative research, through techniques such as field research, participant observation, and interviews daily. Since the early nineteenth century, the economy, politics, society and culture in Coromandel directly influenced by mining and the work of miners and peasants who live on land. In recent decades, the diamond mine and the communities where the miners and peasants live and work, have undergone changes and new dynamic (re) configure the spaces, forms of organization and resistance, with developments in the production of the territories in the municipality. These aspects consist of what we intend to demonstrate in this study.

Keywords: Mining; Peasantry; Identity; Territory.

INTRODUÇÃO

O mais que se diz do garimpo, tanto na literatura quanto nos relatos da maioria dos que se envolveram na atividade, é a descrição de um ambiente com pessoas quase miseráveis num momento e no seguinte bafejadas pela sorte, para logo depois tornarem à condição anterior, incapazes na lida com a circunstância de milionários. “A água traz, a água leva”, resigna-se o garimpeiro. Com efeito, esse é um aspecto característico desses trabalhadores. No entanto, ao se fazer uma leitura mais dilatada do garimpeiro, encontra-se um ser humano complexo, cuja conduta é densa de valores que passam pela honestidade e a solidariedade, pela lealdade e a generosidade. Culturalmente, é supersticioso, fantasioso, para quem a boa ou a má sorte está sempre à espreita, pressagiada nos acontecidos insignificantes da vida. Constrói e carrega consigo uma série de conhecimentos, que se acumulam e são revividos cotidianamente, um ritmo permanente de práticas e re-aprendizagens. Dentre os seus conhecimentos, sabe enxergar as informações geológicas, distinguindo com maestria os sinais que podem levar ao diamante. O caldo resultante desses saberes aliados ao sonho é a esperança que o move, persistente, na busca da fortuna. Riqueza fácil, sonhos demais, é o que mais se diz! (SOUSA, 2011, p.1-2).

Localizado no Triângulo Mineiro e Alto Pararáíba – Minas Gerais, o município de Coromandel é um dos principais territórios de extrativismo diamantífero nesta Mesorregião. A influência do garimpo de diamantes é historicamente indissociável da formação territorial e das sociabilidades locais. Os garimpeiros aglutinam aspectos que compõem as tradições, práticas territoriais, circulação simbólica e manifestações da cultura no município, como a música, as histórias orais, a memória e o trabalho. Além disso, destaca-se a relação entre a terra e o garimpo no processo de trabalho na vida cotidiana. Geralmente os garimpeiros vivem na *terra de trabalho* em comunidades camponesas e ao mesmo tempo, praticam a garimpagem e cultivam o solo, garantindo a produção para o auto-consumo.

Para entender essa relação na pesquisa em Coromandel, compreende-se os *espaços tradicionais de garimpagem*. (GONÇALVES, 2012). Uma das questões centrais que caracterizam esses espaços é o trabalho no garimpo e na terra como aglutinadores do labor cotidiano. Eles estão localizados principalmente nos vales dos rios, onde se desenvolveu a agricultura camponesa e a prática do garimpo de diamantes. Além da proximidade com a água e solos férteis, que contribuem para a prática da agricultura de auto-consumo, o fato desses terrenos serem diamantíferos instituem *territórios em disputa* e constantemente (re)apropriados pelas populações locais camponesas/garimpeiras e agentes do capital como as empresas diamantíferas. Os elementos naturais do território não estão dissociados das estratégias e mecanismos de apropriação, controle e conflito.

A produção social da existência e do trabalho dos garimpeiros e camponeses compreende terra, água e subsolo (diamantes) como condição de permanência nas comunidades onde vivem. Nos últimos anos esses sujeitos e os lugares de vivência e trabalho têm sido impactados pela territorialização de empresas nacionais e transnacionais de mineração diamantífera. Acentua-se ainda as modificações técnicas e tecnológicas nas relações de produção e trabalho.

A partir da década de 1990, os garimpos na Comunidade de Santo Inácio, por exemplo, se defrontam com as transformações técnicas e tecnológicas no processo de extração diamantífera. O trabalho rudimentar e individual, uso das peneiras e outros instrumentos como pá, carrinho de mão e enxada, têm sido progressivamente substituídos pelo processo mecanizado, conforme a lógica empresarial, centrada nas estratégias de controle social do trabalho.

A territorialização desses elementos revela rebatimentos nos territórios e no trabalho dos garimpeiros. Além disso, destaca-se o fortalecimento da legislação ambiental, minerária e trabalhista, interdição de garimpos ilegais, geração de desemprego, mudança dos trabalhadores para o centro urbano, atuação de empresas privadas, mecanização, relações contratuais de assalariamento, especialização e fragmentação do trabalho.

Tais fatos também produziram rebatimentos na organização e estratégias de resistências que tiveram desdobramentos na ação política dos garimpeiros e camponeses que vivem nas comunidades. Desta forma, a centralidade deste artigo é compreender as formas de organização de resistências dos garimpeiros e camponeses em Coromandel diante da territorialização de empresas nacionais e transnacionais da mineração nos espaços tradicionais de garimpagem e de reprodução da cultura camponesa.

Também trazemos para o debate o conceito de identidade discutido por Escobar (2005, 2010), pois, acredita-se que ele permite entender a dimensão territorial e política das lutas de resistência. Esse autor demonstra que a organização da vida e da cultura depende da relação com os recursos naturais, que influem nas ações políticas e organizativas em defesa do meio ambiente e dos espaços de vivência. Ou seja, a organização dos grupos identitários relaciona-se com os territórios que os constituem. Segundo Escobar (2010, p. 251) “No podemos ser sino tenemos el espacio para vivir de acuerdo a lo que pensamos y queremos como forma de vida”.

Não há de um lado a identidade e de outro o território, ou seja, a identidade neste sentido é territorialmente constituída. A terra, a água, os rios, os animais e as árvores possuem significados simbólicos que ultrapassam a dimensão mercadológica. Além disso, são recursos

que garantem a reprodução social da existência. Assim, quando os territórios são apropriados e os sujeitos ameaçados de expropriação, a identidade desempenha papel central na organização coletiva dos grupos que se reconhecem e lutam contra o que os aviltam e os exploram. Por isso, a leitura dos textos de Escobar (2005, 2010) foi fundamental para entender esses processos nos estudos sobre os camponeses e garimpeiros em Coromandel.

A intenção não é discutir teoricamente a identidade camponesa ou a identidade garimpeira, mas sim, demonstrar que tal conceituação potencia as análises sobre as resistências e ações coletivas de grupos sociais específicos. A identidade enquanto elemento aglutinador de lutas, ainda contribuiu para demonstrar que as agressões do capital aos territórios dos camponeses e garimpeiros de Coromandel produziram reações organizativas que justificaram a importância dos garimpos e dos desses trabalhadores enquanto elementos da cultura e das tradições do município. Por isso, enquanto componente da cultura, da memória, do trabalho e dos saberes locais, entrevistados enfatizavam que era preciso proteger essa tradição das pressões aos territórios, espacializadas pelas empresas capitalistas.

As diferentes identidades são anunciações de saberes e poderes que se expressam nos travamentos políticos e nas formas de resistências, seja no âmbito de associações, movimentos sociais ou sindicatos. Da mesma forma, a constituição das identidades são compreendidas aqui sem perder de vista a luta de classe na sociedade. No entanto, a aglutinação de forças envolvendo a mobilização coletiva de garimpeiros e camponeses em torno do trabalho no garimpo e também a defesa da *terra de trabalho*, demonstra que a identidade é um elemento político unificador de ações que buscam a transformação social. Acredita-se que esses aspectos podem ser abordados nos estudos dos camponeses e garimpeiros de Coromandel/MG, onde desenvolvemos nossas análises empíricas e que também permitiram cimentar essas reflexões.

Quando novos projetos e interesses se territorializam em determinado território, principalmente quando controlados por atores hegemônicos orientados pela visão mercantil, há rebatimentos nas práticas tradicionais de produção, nos usos dos recursos naturais e nas formas de organização e resistência das comunidades. Isso ocorreu nas comunidades de garimpeiros e camponeses em Coromandel/MG. Com a intenção de compreender esse processo no município, a metodologia usada baseia-se na pesquisa de campo participante e utilização de outras técnicas qualitativas como entrevistas, diário de campo e observação direta, com contribuições de técnicas bastante disseminadas nas disciplinas de História, Antropologia e Geografia.

Para entender a importância desses procedimentos na pesquisa, baseamos em pesquisadores como Geertz (2004, 1989), Brandão (2007, 2009), Malinowski (1986, 1997), Matos e Pessoa (2009), Thompson (1992). Ainda, no âmbito metodológico, as pesquisas realizadas por Silva (2012) nos territórios dos Chiquitanos na porção sudoeste do Mato Grosso, próximo a fronteira com a Bolívia revelam a importância de procedimentos como observação participante combinada com entrevistas abertas e perguntas organizadas em torno dos objetivos traçados, acrescidas de roteiros que permitem entender a territorialidade e a história dos sujeitos pesquisados.

Desde o início do século XIX, a economia, a política, a sociedade e a cultura em Coromandel são influenciadas diretamente pelo garimpo e o trabalho dos garimpeiros e camponeses que vivem na terra. Mas, assim como as águas dos rios e córregos onde foram extraídas as *pedras raras*, o movimento da real é contínuo, cavando sulcos profundos na realidade social em constante transformação. Nas últimas décadas, o garimpo de diamantes e as comunidades onde os garimpeiros e camponeses vivem e trabalham, passaram por mudanças e novas dinâmicas (re)configuram os espaços, as formas de organização e de resistência, com desdobramentos na produção dos territórios no município. Esses aspectos consistem no que pretendemos demonstrar nesta pesquisa.

PESQUISA DE CAMPO NOS GARIMPOS DE DIAMANTES E NAS COMUNIDADES CAMPONESAS

A pesquisa de campo consiste na fase do levantamento de informações onde os fenômenos ocorrem. Ela permite a inserção do pesquisador no movimento da realidade que se propõe a pesquisar. Mas, ir a campo não é algo aleatório, é preciso ter claro os objetivos e a escolha dos recursos a serem utilizados para a coleta de dados. Olhar e permear a organização social e cultural do outro, com base nos procedimentos metodológicos claros e definidos é parte integrante e substancial na pesquisa de campo.

Neste sentido, Malinowski (1986, 1997), um dos principais fundadores da antropologia social, propõe princípios metodológicos que contribuem para pensarmos o tema, a pesquisa de campo e o contato com os sujeitos e grupos sociais pesquisados. É preciso ser capaz de levantar problemas, ter claro os objetivos científicos e conhecer bem as teorias que embasam a pesquisa, viver por tempo determinado no local onde se pesquisa (comunidade, bairro, aldeia etc.), observar as práticas cotidianas, registrar as informações em diários de campo e tirar fotografias. Desta forma, em Coromandel, por meio das experiências em campo,

estabelecemos contato com os diversos sujeitos da pesquisa como garimpeiros, políticos, fazendeiros e camponeses, permitindo a coleta de dados e informações da realidade, posteriormente organizados e interpretados na elaboração deste e outros artigos.

Geertz (1989), também nos ajuda a pensar a importância do trabalho de campo enquanto ofício fundamental na experiência pessoal do pesquisador em situar-se entre os sujeitos e espaços pesquisados. Se referindo aos antropólogos, no texto “Estar lá, escrever aqui” Geertz (1989, p. 58) diz que

A capacidade dos antropólogos de nos fazerem levar suas palavras tem menos a ver com a observação factual ou com um certo ar de elegância conceitual do que com a capacidade de nos convencerem de que o que dizem é o resultado de haverem realmente penetrado (ou, se quiserem, terem sido penetrados por) em outra forma de vida, de terem, de um modo ou de outro, verdadeiramente estado lá.

Essa análise de Geertz (1989) pode ser relacionada com a pesquisa que desenvolvemos junto aos garimpeiros de diamantes em Coromandel. No decurso do levantamento de informações considerou-se essencial a inserção do pesquisador nos espaços onde vivem e trabalham, neste caso, nos garimpos e comunidades camponesas. Na pesquisa de campo também foi fundamental o exercício da pesquisa participante. Participar das ações cotidianas, observar e conversar com os sujeitos em seu trabalho ou na comunidade, ouvi-los e registrar as informações, é um tipo de metodologia capaz de ampliar a percepção dos fenômenos pesquisados. Por exemplo, Malinowski (1986, 1997) conviveu com o povo Mailu na Austrália e também nativos das ilhas Trobriand, e conheceu a fundo a cultura dos grupos que pesquisou. Antropólogos brasileiros como Darcy Ribeiro e Carlos Rodrigues Brandão também praticaram esse tipo de pesquisa em tribos indígenas e comunidades camponesas para então compor suas pesquisas e publicar seus resultados em artigos e livros.

Neste sentido, a pesquisa participante se exprime enquanto opção metodológica que pode ser exercitada na pesquisa de campo. Conforme Brandão (2009) não se pode “invadir” o mundo dos sujeitos sociais com uma atitude imediata de pesquisa. É importante viver um tempo (pode ser um dia, dois, uma semana, até quinze dias ou até um mês) de contato direto com as pessoas e os territórios onde vivem e trabalham, o que Brandão (2009) denomina de “o primeiro nível do sentir”. O uso dessa metodologia nos garimpos em Coromandel/MG permitiu conhecer mais profundamente os sujeitos e os territórios. No processo de observação direta, a confecção do diário de campo também foi fundamental para registrar as experiências vivenciadas cotidianamente pelo pesquisador. Com essa técnica foi possível descrever as percepções diante das paisagens percorridas, a forma como os garimpeiros e camponeses trabalham e se organizam.

Na pesquisa de campo as entrevistas também fortaleceram a interação com os sujeitos. Nos primeiros encontros com os informantes, optamos pelo uso da entrevista não-estruturada, de forma que se introduz um assunto e o entrevistado tem a liberdade de discorrer sobre a questão posta. De acordo com Matos e Pessôa (2009) a entrevista não-estruturada tem por objetivo a exploração mais intensa do assunto, dando ao entrevistado liberdade para falar do tema. Esse é o momento em que estávamos inicialmente conhecendo os lugares e os pesquisados.

Com o reconhecimento mais detalhado da área e dos sujeitos, priorizamos o uso de entrevistas semi-estruturadas. Matos e Pessôa (2009) evidenciam que esse tipo de entrevista é recomendado, porque possibilita a obtenção de informações além das previstas. Além disso, exige um planejamento para seu desenvolvimento. Na relação com os entrevistados, determinado questionamento pode abrir espaço para que eles possam falar ou complementar informações relacionadas à pesquisa. No decorrer das entrevistas, reconhecer os momentos do silêncio e de fazer as perguntas foi essencial, pois, “quem não consegue parar de falar, nem resistir à tentação de discordar do informante, ou lhe impor suas próprias ideias, irá obter informações que, ou são inúteis, ou positivamente enganosas” (THOMPSON, 1992, p. 254).

Ter definido previamente esses procedimentos metodológicos permitiu entender mais profundamente os garimpos de diamantes, colocando em pauta a necessidade de se compreender as transformações que anunciam a (re)organização do território e do trabalho em Coromandel/MG nas últimas décadas. Por isso, para proceder da pesquisa de campo nos garimpos e comunidades camponesas, a compreensão teórica e metodológica dos procedimentos qualitativos – e na colocados em prática - foi capaz de afirmar o entendimento das relações de trabalho e dos saberes tradicionais dos garimpeiros e camponeses.

A VIDA NA TERRA E NO GARIMPO: SER CAMPONÊS E GARIMPEIRO

O garimpeiro e o ambiente em que trabalha – o garimpo – são historicamente relacionados a conflitos, aventura, mobilidade espacial, alcoolismo, prostituição, assassinatos e degradação do ambiente. Essa é uma imagem grafada no imaginário popular e predominante principalmente nas referências aos garimpos de ouro na Amazônia e regiões de fronteiras. No entanto, a garimpagem que se desenvolveu em Coromandel caracteriza-se pela presença de sujeitos da própria região, principalmente camponeses e trabalhadores da terra que vivem nas comunidades locais. Neste sentido, Póvoa Neto (1998) diferencia os conceitos de

“garimpagem residual” e “garimpagem pioneira”. Enquanto a “garimpagem pioneira” simboliza a intensa mobilidade de garimpeiros, expansão de fronteiras, ocupação de novos garimpos ou de locais adjacentes, a “garimpagem residual” expressa fenômenos diferenciados, como a vida na terra e no garimpo para garantir meios de sobrevivência e trabalho. Há um enraizamento dos sujeitos nos espaços onde vivem e trabalham.

Em Coromandel/MG, a presença de camponeses e garimpeiros vivendo na *terra de trabalho* expressa características predominantes que se assemelham com a “garimpagem residual.” São sujeitos que vivem na terra e possuem um vínculo identitário com os espaços onde residem. Por isso, o controle social do território e dos recursos naturais como os rios, o subsolo e a terra, é essencial para a sobrevivência e produção das condições de trabalho e autoconsumo das famílias camponesas. Pode-se afirmar que “al control social del territorio y los recursos naturales es como una precondition para la sobrevivência, recriación y fortalecimiento de la cultura”. (ESCOBAR, 2010, p. 249).

Na pesquisa, as entrevistas com garimpeiros e camponeses, e a partir dos momentos experienciados pela pesquisa participante, percebemos que os conhecimentos relacionados com o trabalho cotidiano na terra ou no garimpo se dialogam. Há um conhecimento inscrito na vida e no trabalho de cada um, expressando *saberes-fazeres* diversos. Como afirma Porto-Gonçalves (2006, p. 119) “não há trabalho que não implique um saber-fazer, que não implique conhecimento, mesmo o trabalho manual. Um pescador pode não saber falar e escrever sobre a pesca, mas, com certeza, sabe pescar, caso contrário não seria pescador”. Isso também faz parte do trabalho dos garimpeiros, há um *saber-fazer* próprio do garimpo, mediado pela relação metabólica deles com a natureza.

Atualmente (2013), a vida na terra para muitos camponeses não conta com o garimpo como complemento na renda familiar ou possibilidade de enriquecimento através do *bamburro*¹. Esse processo esbarra em questões como o acirramento da legislação ambiental e minerária nas últimas décadas. O garimpo de diamantes, praticado historicamente em todo o município, sempre despertou o interesse dos camponeses e *trabalhadores da terra*. Por isso, o intenso processo de interdição de garimpos reverberou na vida, nas relações com a terra e despertou a mobilização coletiva. A ação de empresas e apropriação dos garimpos nas terras habitadas por camponeses reuniram esses sujeitos em torno de estratégias organizativas em defesa do território.

¹ O *bamburro* geralmente é o sonho do garimpeiro, o objetivo que, conforme suas próprias palavras, pode justificar toda uma longa série de trabalho e dificuldades atravessadas até que se alcance algum resultado significativo, *mudar a vida com a virada da peneira*.

Por outro lado, muitos camponeses também abandonaram o campo, alguns venderam a propriedade e foram para a cidade. Na conversa com garimpeiros e camponeses, muitos desempregados ou vivendo de aposentadoria, percebemos que a memória do trabalho na terra é indissociável do labor no garimpo. “*A gente vivia na roça, plantava, colhia e no tempo vago ia pro garimpo arriscar a sorte, hoje a gente lembra desse tempo e sente saudade*”, disse um entrevistado.

Diante dessas mudanças também permanecem rugosidades, práticas socioculturais, sujeitos que (Re)Existem com seus *saberes-fazeres*. A pesquisa também busca mostrar isso, as transformações e permanências, tramas e rupturas que dinamizam os territórios e “as vidas que vivem e os mundos que criam para viver e compartilhar natural-e-culturalmente as suas vidas”. (BRANDÃO, 2009, p. 16).

Para compreender as relações de trabalho dos garimpeiros, os saberes e as sociabilidades construídas por eles, foram necessárias entrevistas e pesquisa de campo participativa nos “*espaços tradicionais do garimpo*” em Coromandel/MG durante várias visitas e dias seguidos de experiências exploratórias. Os *espaços tradicionais do garimpo* não se limitam à garimpagem de diamantes, eles abrangem as comunidades camponesas, pequenas propriedades onde vivem famílias e *trabalhadores da terra* (MENDONÇA, 2004), alguns já foram garimpeiros outros não. Desta forma, apropriados pela atividade garimpeira esses espaços forjam territórios, permeados por conflitos (muitas vezes ocultos) e interesses diversos, mas também por símbolos e significados que envolvem o labor na terra e no garimpo, localizados principalmente nos vales dos rios e córregos.

Uma característica fundamental no que se entende por “*espaços tradicionais do garimpo*”, como as pequenas propriedades e a vida na terra como camponeses que produzem para o auto-consumo e venda do excedente. Nesses espaços também já existiram ou ainda há garimpos. Com a interdição de garimpos ilegais, alguns venderam a propriedade, outros continuam alimentando o interesse em voltar a garimpar e não abrem mão da terra. “*Estou com a terra aí e não vendo, porque tem garimpo. Trabalhou pega mesmo, não sabe se é hoje, amanhã ou daqui a 30 anos. Aí tem diamante até debaixo do chão vermei do Cerrado. A esperança é pegar, tirar o pé do atoleiro mesmo.*” Ser camponês e garimpar, a vida na terra em terrenos diamantíferos evidencia múltiplas expressões do trabalho. “*Muitas pessoas são donas da terra e é garimpeiro também, eles batem peneira*”, afirma o mesmo entrevistado. Várias famílias camponesas vivem sobre solos cujos subsolos são ricos em diamantes e, na mesma terra que plantam e colhem, há o interesse em garimpar, revolver a terra pra tirar o

cascalho, prometedor de grandes pedras. Alguns também plantam roça de milho, feijão ou arroz próximo aos terrenos diamantinos.

Em muitos momentos da vida, esses sujeitos *arriscaram a sorte* nos garimpos lavando cascalhos. Também havia aqueles que na seca garimpavam e no período de chuvas plantavam roças, conforme a sazonalidade do clima. Neste sentido, afirmaram que *“muitos garimpeiros só trabalhavam na época da seca, quando chegava as chuvas iam plantar roça. Chovia demais, dava enchente nos rios, era só buraco e barro no garimpo. Nas águas nós lavrava a terra plantando. Quando colhia já era época de seca, enchia o carro de boi de mantimentos e ia pro garimpo de novo”*. Na vida no campo, a relação entre garimpo e a terra é comum, como disse outro entrevistado, *“Homem do campo, ele mexe com uma coisa e outra, experimenta a sorte de todo tipo, tem o tempo de garimpar, e o tempo da roça. Quase todo garimpeiro sabe mexer com roça.”*

A vida na terra em Coromandel envolve a relação com o garimpo, os saberes-fazerem na lida com a terra, água ou a fauna e flora do Cerrado, benzeções, festas, folias de reis, histórias que permeiam os territórios e as paisagens das comunidades e garimpos. Desde a década de 1990, esses aspectos se deparam com os desdobramentos territorializados pelas empresas de mineração e as mudanças nas relações de trabalho e das condições de produção social da existência, gerando movimentos organizados, resistências e mobilizações coletivas em torno dos interesses que envolvem a permanência na terra e no garimpo de diamantes no município.

A TERRITORIALIZAÇÃO DO CAPITAL E A ORGANIZAÇÃO DA RESISTÊNCIA DOS GARIMPEIROS E CAMPONESES

Nos últimos anos, a atividade extrativa de diamantes, praticada por garimpeiros e camponeses que vivem na terra em comunidades de Coromandel vem sofrendo diversas pressões diante da territorialização do capital através de empresas nacionais e transnacionais de mineração de diamantes que passaram a controlar os requerimentos de subsolo. Essa ofensiva, que atinge comunidades e populações no município demonstra como *“os lugares estão sendo progressivamente submetidos às operações do capital global”*. (ESCOBAR, 2005, p. 143).

Contraditoriamente, as ações do capital apropriando saberes, terras, minérios e outros recursos naturais, também se deparam com as organizações dos trabalhadores e comunidades, que se mobilizam e somam forças em defesas dos territórios e na construção de alternativas frente às

ofensivas do capitalismo. No entanto, os discursos hegemônicos dificilmente aceitam essas experiências, como se nada pudesse ser imaginado fora do circuito capitalista.

O capitalismo foi investido de tal predominância e hegemonia que se tornou impossível pensar a realidade social de outra maneira, muito menos imaginar a supressão do capitalismo; todas as outras realidades (economias de subsistência, economias biodiversificadas, formas de resistência do Terceiro Mundo, cooperativas e iniciativas locais menores) são vistas como opostas, subordinadas ao capitalismo ou complementares a ele, nunca como fontes de uma diferença econômica significativa. (ESCOBAR, 2005, p. 143).

Escobar (2005) ao estudar comunidades negras na Colômbia desconstrói esse discurso e demonstra que novas experiências de lutas e resistências estão em curso na América Latina e no mundo. Neste sentido, o autor pontua que diante deste cenário é preciso refletir sobre conceitos fundamentais como território, desenvolvimento e práticas tradicionais de produção e usos dos recursos naturais, que reforçam a capacidade organizativa das comunidades, capazes de reconstruir e reafirmar sua identidade na luta por novos direitos sociais, políticos e econômicos. Além disso, direitos territoriais cada vez mais ameaçados pelo capital e seus agentes como empresas nacionais e transnacionais de mineração, agronegócio ou grandes projetos de abertura de portos, ferrovias e hidrelétricas.

Assim, as reações dos garimpeiros e camponeses em torno do garimpo e da terra onde trabalham em Coromandel permitem cartografar a construção de processos de mobilização social que anunciam ações coletivas pela defesa dos recursos naturais, do meio ambiente e por direitos negados, constituindo um espécie de identificação coletiva. A defesa dos territórios também demonstra que “não há indivíduo ou grupo social sem território, quer dizer, sem relação de dominação e/ou apropriação do espaço, seja ela de caráter predominantemente material ou simbólico” (HASBAERT, 2006, p. 339)

Nos últimos anos, como foi dito, a ação do capital nacional e transnacional através das empresas de mineração se conjuminou com a atuação dos órgãos ambientais nos garimpos de Coromandel, com aplicação generalizada de multas, reverberando na paralisação da atividade e fiscalização ambiental com maior rigor. Essa nova condição alterou a ação política e as formas de resistência, culminando na organização de Sindicato, Associação e Cooperativa de garimpeiros. Diante deste cenário, formaram a Cooperativa dos Garimpeiros de Coromandel e Região – COOPERGAC - o Sindicato dos Garimpeiros de Coromandel e Região – SINDIGAC – e a Associação dos Garimpeiros de Coromandel, que passaram a atuar em diversas frentes, como a legalização dos garimpos - ou seja, cumprir as leis ambientais e minerárias - intervindo em questões ambientais, termos de ajustamento de conduta, além de

colocar na mira da crítica a apropriação e controle dos registros de subsolo e dos territórios no município. A organização coletiva desses trabalhadores e a formação da cooperativa, associação e sindicato tornaram-se um elemento basilar na luta política e na resignificação das resistências para garantir a continuidade nos territórios da vida e também nos ambientes de trabalho, neste caso o garimpo e a terra.

No final de 2002, centenas de garimpeiros se mobilizaram em passeatas, paralisações de avenidas e rodovias no município de Coromandel. Diante disso, se reuniram em um poliesportivo na cidade para discutir a questão do garimpo local (Foto 1).

Foto 1: Reunião dos garimpeiros de Coromandel e região no Ginásio Poliesportivo Humberto Machado, realizada em 09/11/2002



Fonte: COOPERGAC.
Autor: COOPERGAC, 2002.

Além de reuniões coletivas como essa, os trabalhadores envolvidos no garimpo organizaram passeatas com carros de som nas ruas da cidade, bandeiras de protestos foram hasteadas, usando frases como “*Só queremos trabalhar! Reabertura do garimpo já!*”. Os garimpeiros também passaram a propor alianças de entidades, interditaram rodovias e fizeram manifestações. Representantes políticos improvisaram tanques e lavaram cascalhos como garimpeiros em frente à Prefeitura, reivindicando posição da mesma, garimpeiros acamparam diante do Fórum local. Esses são alguns dos exemplos que envolveram as mobilizações dos garimpeiros em Coromandel.

Em uma cidade com pouca tradição de manifestações sociais, o movimento dos garimpeiros representou novos mecanismos de luta. Além dos protestos na cidade, a interdição da BR 365 foi um fato marcante, liderada por garimpeiros como forma de chamar a

atenção da mídia. Uma liderança política na época disse que *“nós queríamos chamar atenção da imprensa. Quando eu cheguei de manhã a turma já tinha ido pro Posto Serrinha, na BR365, começaram a parar os caminhão barreiro, eles não queria parar mais teve que parar. Logo chegou camionete cheia de pneus, pessoal começou a colocar pneus e pôs fogo, é o recurso que eles viram ali na hora. O objetivo era mesmo de chamar a atenção da imprensa, mas o pessoal põe o garimpeiro como vilão, então veio polícia militar, ordem pra liberar a estrada, veio reforço, várias viaturas, mas os garimpeiros era um povo que não queria brigar, estavam lutando por trabalho. As vezes precisamos de pressão, vivemos em um estado de direito, então é direito das pessoas reivindicarem.”*

Com o apoio de Cooperativas garimpeiras de outros municípios (Estrela do Sul e Diamantina, por exemplo) e alguns políticos, além de lideranças da COOPERGAC e do SINDIGAC, as mobilizações em torno do garimpo tiveram como protagonistas principais os próprios trabalhadores garimpeiros. Por outro lado, segundo um dos entrevistados outras organizações do município não tiveram atuação direta, como o Sindicato dos Trabalhadores Rurais de Coromandel. O garimpo também permeia os interesses de fazendeiros, empresários rurais e camponeses que viviam na terra e estavam diretamente envolvidos com essa atividade, o que poderia reverberar no fortalecimento político, através da atuação direta do Sindicato. Conforme um entrevistado *“em uma cidade pequena, sem grande tradição de mobilização social esse movimento foi quase que exclusivamente dos garimpeiros. Fora de Coromandel o movimento teve apoio de outras cooperativas inclusive diante da possibilidade de troca de experiências. Não houve uma união de todos os seguimentos da sociedade coromandelense em torno do garimpo.”*

A Cooperativa e o Sindicato passaram a intensificar suas ações baseadas estratégicas como: reuniões com a diretoria do DNPM afirmando a importância do garimpo para a população local, reivindicações da posição desse órgão diante da especulação de registros de subsolo e a ação do capital transnacional no município, participação de encontros de garimpeiros, realização de fóruns e reuniões com membros de empresas, políticos, líderes sindicais e de outras cooperativas que atuam na região.

A partir de 2002, a COOPERGAC e o SINDIGAC passaram a atuar de forma conjunta. Entre suas ações, começaram a chamar a atenção para a necessidade de se implantar práticas ambientais equilibradas e de acordo com a legislação que regulamenta os garimpos. Uma forma de veicular isso na mídia e mostrar para os órgãos públicos a preocupação com o meio ambiente foi realizando mutirões de recuperação das áreas degradadas pelo garimpo, utilizando sociabilidades camponesas e que também faziam parte do trabalho dos garimpeiros.

Tendo como protagonistas a Cooperativa e o Sindicato, reunindo garimpeiros manuais e mecanizados, políticos, empresas, policiais, secretários e equipes de reportagens, o primeiro *mutirão de recuperação ambiental* em Coromandel foi realizado em 2003. Para publicar as ações da cooperativa e do sindicato, foi criado o Jornal Garimpando Notícias, veiculado nas emissoras de televisão e rádio, jornais e revistas, cooperativas de garimpeiros e, sua disseminação em Coromandel assentou-se no interesse de informar a população, a mídia e as instituições públicas sobre a situação local dos garimpeiros.

No entanto, com a intensificação da legislação ambiental e minerária, diversos garimpos foram embargados no município. Os impactos da interdição do garimpo também tiveram rebatimentos para o comércio local que diante da iminente ameaça de quedas nos lucros também começou a se mobilizar, mas, sem resultados significativos e até dissociados das reivindicações sociais que estavam em pauta. O garimpo em Coromandel suplanta a movimentação financeira em torno de salários e vendas de diamantes, fatores de ordem econômica, social, cultural e política se imbricavam e ainda se relacionam, por isso, o movimento não podia ser encarado levando em conta apenas um desses elementos.

Enfrentar essa nova realidade experienciada por garimpeiros e demais envolvidos com o garimpo, não transitava apenas em questões econômicas, ambientais, políticas, jurídicas ou institucionais. O problema também envolvia o enfrentamento com empresas transnacionais, substanciadas pelo próprio Estado, coadjuvante do capital e fomentador de seus interesses, mesmo quando se chocam com utilidades sociais de populações tradicionais ou comunidades, a exemplo do garimpo no município. Como afirma Conceição (2009, p. 5) “Sob o modo de produção capitalista o Estado age, na sua integralidade, para cumprir os requisitos necessários à reprodução do capital. Essa atuação pode, em determinadas circunstâncias, ser executada de modo velado ou deliberado.” A apropriação do subsolo em Coromandel por empresas de capital estrangeiro com fins especulativos mostra a contradição de um Estado mais funcional aos interesses hegemônicos do que às populações locais. A extração de minerais no subsolo pode resultar em efeitos destrutivos sobre comunidades e conflitos com os “superficiários”, como os camponeses que vivem na terra.

No final de 2005, diante da paralisação dos garimpos, a Cooperativa e o Sindicato voltaram a usar o tom ríspido contra as oligarquias monopolizadoras de registros de subsolo, divulgando uma *Carta Aberta à População* esclarecendo, criticando o Estado e o poder público pela inércia perante o que foi chamado como “*Espetáculo de Injustiça*” contra os garimpeiros. Anunciado como um momento “*de dor e aflição*” para a população local e com o título o “*Garimpo vai parar*”, a *Carta Aberta à População* (2005) expôs:

Mais uma vez, estamos diante da INJUSTIÇA: paralisação do garimpo. Os termos de ajustamento de conduta, assinados com o Ministério Público Estadual, para os garimpos manuais, vencem no próximo dia 30 de outubro. A COOPERGAC e SINDIGAC pediram a Promotoria de Justiça a prorrogação de prazo, pelos menos até 31 de dezembro deste ano, mais uma vez em vão. [...] Portanto, queremos alertar as autoridades, as entidades não governamentais e, enfim, a todos os coromandelenses que esta importante atividade está paralisada. E não foi por falta de ações da COOPERGAC e SINDIGAC. Desde a década de 1990, estamos denunciando o absurdo existente nas autorizações e registros do subsolo de Coromandel, quase todo nas mãos de multinacionais e especuladores. Sem o registro de subsolo, não há como legalizar o garimpo, este é o primeiro passo. Somente o Grupo canadense “BRAZILIAN DIAMONDS” (SANSUL Mineração e COBRE SUL Mineração) possuem mais de 66.000 (sessenta e sei mil) hectares de subsolo, em Coromandel, sem gerar um único emprego no município. E, pior, são totalmente contra o garimpo, como eles dizem: “Coromandel é um peixe que tem que ser vendido inteiro e fresco, todos os dias, nas Bolsas de Valores do Exterior”. Se o garimpo avança o peixe diminui e, um dia, acaba. Por isso denunciam e pressionam as autoridades a paralisar o garimpo. Você, por acaso, tem notícias do trabalho destas empresas? [...] A sensação que temos é a de que nós, garimpeiros, somos vítimas do Poder Público. Para que serve o Estado? Até onde aprendemos, o Estado deveria, dentre outras atribuições, garantir os direitos fundamentais do cidadão, um deles o direito ao trabalho. Entretanto, a incompetência de alguns órgãos públicos, e a inércia de certas autoridades, produziram este ESPETÁCULO DE INJUSTIÇA. Os garimpeiros não querem autorização para matar, roubar, ou praticar qualquer crime, mas desejam ter apenas ter o DIREITO DE TRABALHAR. A tarefa de legalização do garimpo não pode ser atribuída apenas à COOPERGAC e SINDIGAC, mas todas as autoridades e entidades civis. Precisamos unir forças contra estas multinacionais e especuladores do subsolo de nossa terra (invasores são eles) e, igualmente, é fundamental exigirmos ações de nossas autoridades constituídas: Senhora Prefeita, Senhores Vereadores, Senhores Deputados, Senhores Senadores e demais autoridades estaduais e federais. Esperamos que este momento de dor e aflição para o nosso povo possa ser transformado em um “trabalho de parto” trazendo à luz a solução definitiva para este problema, em gestação há mais de um século. Coromandelenses, mostre o seu valor e coragem: VAMOS LUTAR PELO QUE É NOSSO! (CARTA ABERTA À POPULAÇÃO, 2005).

A partir de 2005 centenas de garimpeiros tiveram que abandonar definitivamente os garimpos, se mudando para a cidade ou permanecendo no campo e vivendo na/da terra. Por outro lado, as resistências contra a intervenção de empresas transnacionais revelam o caráter organizativo em torno de interesses e direitos comuns, como a permanência na terra.

As mobilizações envolvendo trabalhadores urbanos e rurais, camponeses e garimpeiros em Coromandel são reveladoras das resistências construídas no decurso da luta, ou seja, resistir para permanecer nos espaços de vivência e trabalho, garantido o acesso e controle autônomo dos territórios. É claro que camponeses e garimpeiros possuem relações de trabalho, vínculos com a terra e saberes que podem se diferenciar, e por isso, constituem elementos da identidade que os diferenciam no Brasil.

A intenção foi se esforçar para demonstrar que em Coromandel, há aspectos singulares, os camponeses que historicamente vivem na terra e nas comunidades camponesas geralmente são os mesmos sujeitos que ao longo dos anos praticaram a garimpagem no

município. Possuem vínculos com a terra, e por isso, quando se viram ameaçados de expropriação, resistiram em defesa dos territórios.

Considerações finais

Os estudos realizados neste artigo contam com reflexões que se tornaram mais claras no decorrer das contribuições propiciadas pelas leituras sobre cultura e identidade e metodologia de pesquisa, assim como as pesquisas de campo realizadas no município de Coromandel-MG. Ao longo das leituras dos textos e das experiências de campo, foi possível aglutinar as dimensões teóricas, metodológicas e políticas na análise científica. Do ponto de vista teórico, o acesso a autores como Escobar (2005, 2010) e também diálogos com pesquisadores como Geertz (2004, 1989), Brandão (2009), Malinowski (1986, 1997). Quanto ao aspecto metodológico, a pesquisa permitiu repensar as ações no âmbito de procedimentos como pesquisa de campo, observação participante, entrevistas e diários de campo, que são fundamentais no processo de pesquisa. E por último, a dimensão política, ou seja, o compromisso com a construção de uma sociedade verdadeiramente democrática e onde possa imperar a justiça, principalmente quando o foco são populações - como os indígenas, quilombolas e camponeses - historicamente expropriadas dos territórios e que presenciam crescente agressão a dignidade e desmontagem de direitos constitucionalmente garantidos. Além disso, é preciso pontuar que a própria escolha de determinada pesquisa e dos sujeitos que propomos a compreender é também uma opção política.

Referências Bibliográficas

BRANDÃO, C. R. *“No Rancho Fundo”*: espaços e tempos no mundo rural. Uberlândia: EDUFU, 2009.

_____. A pesquisa participante e a participação da pesquisa: um olhar entre tempos e espaços a partir da América latina. In: BRANDÃO, C. R.; STRECK, D. R. *Pesquisa participativa: a partilha do saber*. Aparecida-SP: Idéias & Letras, 2006. p.21-54.

_____. Reflexões sobre como fazer trabalho de campo. *Sociedade e Cultura*, Goiânia, v.10, n.001, p. 11-27, 2007.

CONCEIÇÃO, A. L. *A insustentabilidade do desenvolvimento sustentável*. Disponível em: <<http://estadocapitaltrabalho.wordpress.com/2011/01/13/a-insustentabilidade-dodesenvolvimento-sustentavel-alexandrina-luz-conceicao/>>. Acesso em: 25 de jul./2011.

ESCOBAR, A. O lugar da natureza e a natureza do lugar: globalização ou pós-desenvolvimento?. In: LANDER, E. (Org). *A colonialidade do saber: eurocentrismo e*

- ciências sociais. Perspectivas latino-americanas. Colección Sur Sur, CLACSO, Ciudad Autónoma de Buenos Aires, Argentina, 2005. pp.133-168.
- _____. Territorios de diferencia: lugar, movimientos, vida, redes. 2010.
- GEERTZ, C. Estar lá, escrever aqui. Diálogo, São Paulo, v.22, n.3, p. 58-63, 1989.
- _____. A interpretação das culturas. Zahar: Rio de Janeiro, 2004.
- GONÇALVES, R, J. de A. F. *A vida pode mudar com a virada da peneira: (re)organização do território e do trabalho no município de Coromandel-MG*. 2012. 274 f. Dissertação (Mestrado em Geografia), UFG, Catalão-GO, 2012.
- HAESBAERT, R. *Territórios alternativos*. São Paulo: Contexto, 2006.
- MALINOWSKI B. Um diário no sentido estrito do termo. Rio de Janeiro: Record; 1997.
- _____. A teoria funcional. Editora Ática: São Paulo, 1986.
- MATOS, F. de M.; PESSÔA, V. L. S. Observação e entrevista: construção de dados para a pesquisa qualitativa em Geografia Agrária. In: RAMIRES, J. C. de L.; PESSÔA, V. L. S. (Org.). Geografia e pesquisa qualitativa: nas trilhas da investigação. Uberlândia: Assis, 2009. p.279-292.
- MENDONÇA, M. R. *A urdidura espacial do capital e do trabalho no Cerrado do Sudeste Goiano*. 2004. 457 f. Tese (Doutorado em Geografia) – Faculdade de Ciências e Tecnologia, Universidade Estadual Paulista, Presidente Prudente, 2004.
- MOREIRA, R. Pensar e ser em Geografia: ensaios de história, epistemologia e ontologia do espaço geográfico. São Paulo: Contexto, 2007.
- PORTO-GONÇALVES, C. W. A globalização da natureza e a natureza da globalização. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2006.
- PELÁ, M.; MENDONÇA, M. R. Cerrado Goiano: encruzilhada de tempos e territórios em disputa. In: PELÁ, M.; CASTILHO, D. (Org.). *Cerrados: perspectivas e olhares*. Goiânia: Editora Vieira, 2010. p.50-70.
- PÓVOA NETO, H. No caminho das pedras: itinerários na formação da mobilidade garimpeira em Goiás. 1998. 363 f. Tese (Doutorado em Geografia), Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 1998.
- SILVA, J. A. pertencimento e identidade, territorialidade e fronteira entre os Chiquitanos no Brasil e na Bolívia. Espaço Ameríndio, Porto Alegre, v. 6, n. 1, p. 119-137, 2012.
- SOUSA, J. L. V. de. Pobres garimpeiros de riqueza: a geografia dos diamantes em Três Ranchos – Goiás. ENANPEGE, IX, *Anais...*, Goiânia: ANPEGE, 2011.
- THOMPSON, P. A voz do passado: história oral. Tradução de Lólio Lourenço de Oliveira. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.

Recebido para avaliação até 28/11/2015

Aprovado até 15/12/2015